



DR. ALVES DA VEIGA, ministro da Republica Portugueza em Bruxellas

N.º 272 Lisboa, 8 de Maio de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAHNA:

Anno. 4\$800 — Semestre, 2\$400 — Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
**PORTUGUEZA**

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: CARLOS M'ALHEIRO DIAS  
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão RUA DO SECULO, 43

Os Agentes em Portugal  
**REEMBOLSAM o DINHEIRO**  
 a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**  
**TOSSE, ASTHMA**  
**TISIS PULMONAR**  
 empregando o  
**XAROPE FAMEL**

PARIS  
 86, Rue de la Réunion  
 PREÇO: 600 REIS  
 Franco de porta em todo o Portugal por 2 francos.

DEPOSITO GERAL  
 15. RUA DOS SAPATEIROS  
 LISBOA

REMEDIO  
 DE ABYSSINIA  
**EXIBARD**  
 em Pó, Cigarros,  
 Folhas para fumar,  
 soberano contra  
**ASTHMA**  
 30 Anos de Bom Exit.  
 Med. Ouro e Prata.  
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
 6, rue Dembasié  
 PARIS  
 E TODAS PHARMACIAS.

COMPREM  
**Foulard Seda**  
 SUISSA

Peçam as amostras das  
 nossas Sedas Nouveautés de  
 primavera e de verão para  
 vestidos e blusas:  
 Foulards, Voile, Crêpe de  
 Chine, Chines cachemire,  
 Eoliane, Mousseline 130 cm. de  
 largo desde fr. 1,25 o metro, em  
 preto, branco e cor assim como as  
 blusas e os vestidos borda-  
 dos em «batiste», lá, «toiles» e seda.  
 Vendemos as nossas sedas garan-  
 tidas solidas, directamente nos  
 particulares e francas de  
 porte a domicilio.

Schweizer & C.<sup>o</sup>  
 Lucerne E 12 (Suissa)  
 EXPORTAÇÃO DE SEDAS



Os Cinco  
 Últimos  
 Perfumes

Rêve d'Ossian  
 Convoitise  
 Jardins d'Armide  
 Cillet Louis XV  
 Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA  
 L. LEGRAND  
 11, Place de la Madeleine  
 PARIS  
 14-15, Conduit Street, LONDON

COMPANHIA DO  
**Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade  
 limitada

CAPITAL:  
 Acções..... 360.000\$000  
 Obrigações..... 323.910\$000  
 Fundos de reserva e de amor-  
 tização..... 266.400\$000  
 Réis.... 950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fa-  
 bricas do Prado, Marianalia e Sobre-  
 rinho (Thomar), Penedo e Casal de Her-  
 mio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-  
 Velha). Installadas para uma produção  
 annual de seis milhões de kilos de pa-  
 pel e dispondo dos machinismos mais  
 aperfeiçoados para a sua industria.  
 Tem em deposito grande variedade de  
 papeis de escripta, de impressão e de  
 embrulho. Toma e executa prompta-  
 mente encomendas para fabricações  
 especiaes de qualquer qualidade de pa-  
 pel de machina continua ou redonda e  
 de forma. Fornece papel aos mais im-  
 portantes jornaes e publicações perio-  
 dicas do paiz e é fornecedora exclusiva  
 das mais importantes companhias e  
 empresas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS  
 LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
 PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51  
 Endereço telegraphico em Lisboa—Porto:  
 LISBOA, COMPANHIA PRADO. Numero telephonic:  
 Lisboa, 603—Porto, 417.

TRABALHOS DE ZINCOGRAVURA, PHOTOGRAVURA, STEREOTYPIA

Zincogravura  
 e Photogravura

Em zinco simples de 1.<sup>a</sup> quali-  
 dade, cobreado ou nickelado.  
 Em cobre.  
 A cores, pelo mais recente  
 processo—o de trichromia.  
 Para jornaes com tramas  
 especiaes para este genero de  
 trabalhos.

IMPRESSÃO E COMPOSIÇÃO

Fazem-se nas OFFICINAS  
 DA  
 Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos  
 os trabalhos que lhe são concernentes, por preços  
 modicos e com inexcédivel perfeição.

Stereotypia

De toda a especie de com-  
 posição

Impressão  
 e composição

De revistas, illustrações  
 e jornaes diarios da tarde ou da  
 noite.

# A Recita classica dos alumnos do Conservatorio

Julio Dantas com o seu grande amor pelo theatro, dedicadamente entregue ao seu sonho de levantamento da arte dramatica a que tem dado a maior parte da sua vida de escriptor, organisou com os alumnos do Conservatorio, de que é illustre professor, uma recita de theatro classico.

Novo ainda, tendo alcançado no theatro um glorioso nome, conquistado talentosamente o seu logar, não parou. O



Conservatorio escolheu-o para director do Curso de Arte Dramatica e elle começou por fazer com que se falasse dos seus alumnos, creou em



1—Julio Dantas, professor e director do curso dramatico do Conservatorio 2—H. Lopes de Mendonça  
3—Coelbo de Carvalho 4—Abel Botelho  
3—Affonso Lopes Vieira



6—Os interpretes do «Auto d'El-Rei Seleuco»



1—O «Auto d'El-Rei Seleuco» de Camões—Sena do Físico (o «Físico», Joaquim Almada; o «Príncipe», Ilda Ferreira; a «Rainha», Marina Rodrigues; a «Ala», Sarah Lima)

volta d'elles uma atmospheria de estímulo. O publico ficou sabendo que existe um curso dramatico, cousa que até ha pouco ignorava.

O theatro Nacional encheu-se na noite de de 20 d'abril e ali se mostraram os resultados obtidos por Julio Dantas que em parte ensaiou tambem algumas das peças e teve como excellentes auxiliares, como devotos coo- peradores da sua idéa, Carlos Posser e José Antonio Moniz

Mas o que foi essa recita?!

Trechos de pura arte classica recitados a capricho, por estudantes do Conservatorio, que vestidos em todo o rigor das epochas

em que se passavam essas pecas, ensaiados primorosamente, foram escutados com verdadeiro prazer.

Entre elles, curioso como uma joia primitiva, o *Monologo do Vaqueiro*, essa tão portugueza nota d'um theatro que nascia, avultava. De Gil Vicente havia ainda o *Auto*



(O «Rei Seleuco», Othello do Carvalho; o «Físico» Joaquim Almada)

da Feira tão caracteristico e tão interessante.

O *Auto do Rei Seleuco*, de Camões, apparecendo no theatro Nacional como uma ironia vinda do fundo dos seculos encantou, seduziu, bem como a segunda jornada do *Fidalgo Aprendiz*, de Francisco Manuel de Mello.

Este escriptor tão talentoso quanto in-



«Auto d'El-Rei Seleuco»—Figuras da cõrte



A obra de cada um dos auctores das peças foi analysada por illustres escriptores e d'este modo Gil Vicente, o violento satyrico, que não poupava reis nem fidalgos, foi analysado



feliz, rival de D. João VI no amor da Villa Nova, condemnado por esse amor, deu n'aquelle trecho tanto de curioso e de scintillante que parece ser escripto para os nossos dias e os alumnos do Conservatorio, que representaram a peça, souberam fazel-o com verdadeira arte, sentindo-se por detraz d'elles os mestres illustres que os guiaram.

Por fim o primeiro acto da *Vida de D. Quixote*. Essa admiravel satyra do pobre Antonio José da Silva foi tambem interpretada com muito esmero.

D'este modo, e com inexcédível brilho, correu a recita do theatro classico, com a qual se attingiu o fim que tinha em vista: um poderoso effeito d'arte pura, uma evocação das nossa bellezas litterarias, mostrando-as como um incentivo.



pelo poeta illustre que ultimamente nos deu as *Canções do Vento e do Sol*, Affonso Lopes Vieira, cuja obra o consagrou. Abel Botelho, o auctor dos romances de *Pathologia Social*, falou sobre o cavalheiresco e donairoso Francisco Manuel de Mello, espirito de graça e gentileza, querido das mulheres e das musas. Coelho de Carvalho, o latinista cultissimo, e dramaturgo cheio de logica,

e cuja prosa tem um cunho bem portuguez, fôra encarregado de analysar o trabalho litterario do bello e do poderoso espirito o *Judeu*. Accommettido de doença durante a sua conferencia não pode concluir: a apreciação que brilhantemente ia fazendo do auctor da *Guerra do Alecrim e da Mangerona* que a maldade dos padres e a indiferença d'um rei fizeram acabar na fogueira do Campo da Lã. Henrique Lopes de Mendonça, o consagrado dramaturgo, devia tratar de Camões, mas a doença inhibiu-o tambem de comparecer. No meio dos applausos a festa decorreu e teve ainda a dar-lhe grande cunho o discurso de abertura pelo sr. dr. Bernardino Machado, que enaltecendo a obra dos escriptores classicos portuguezes falou tambem da regeneração necessaria do theatro.



1—Auto d'El-Rei Seleuco—O Rei, a Rainha e o Principe  
2—A «moça» (Beatriz d'Almeida) e o «Pagem»  
(Justina de Maralhões) 3—Martim Chinchorros (Felix do Amaral) 4—Lançarotes (João Henriques e o «Mordomo» (Reynsido Azevedo)

# • PRIMROSE • DAY •

• A EXPRESSÃO FLORAL DE UMA IDÉA •

Com a chegada da primavera a campina britânica parece orvalhada de amor—um ouro pallido, como visto atravez do nevoeiro. São as Primaveras (Primroses), florinha singela, inodora, que brotando em profusão trás aos campos da verdejante Inglaterra o colorido auriverde da bandeira do Brazil. Mas é ephêmera a combinação; prompto chega 19 d'Abri!—a *S' Barthelemy* das Primroses—em que, victimas d'uma idéa, são colhidas aos milhões. Transportadas a Londres enchem mercados, montas e jarras, enfloram peitos, toucados e botoeiras. E' um verdadeiro dia amarello! quasi todos os passeantes as levam, tornando-se a corrente mais compacta á medida que se approximam do coração da cidade. O forasteiro curioso que seguisse aquelle rasto florido, chegaria sem receio de errar, ao Largo do Parlamento, junto de uma estatua já artisticamente decorada de Primaveras e algumas violetas, que sobre o amarello escrevem as palavras: «Paz com honra»—«Imperialismo e unidade». Veria os manifestantes lançar-lhe os ramos que traziam e debandarem; e se lá voltasse pelo cahir da tarde encontraria apenas um monte enorme da pallida flôr campestre de que emerge a figura bronzada de um homem vestindo

o manto de par d'Inglaterra, tendo no Joelho a insignia da Inglaterra.

A estatua reprenta Disraeli (Earl of Beaconsfield), a modesta flôr que o cerca—a sua favorita—que se chama *saudade* se palavra tão bella existisse no vocabulario inglez, atesta, na mais delicada das manifestações politicas, o preito de admiração de um povo por um homem e pela idéa de uma Inglaterra unida e forte



Benjamin Disraeli,  
conde de Beaconsfield

que a sua memoria evoca. Igual peregrinação floral se realiza ao seu tumulo em Hughenden, e ambas se repetem com crescente entusiasmo ha 30 annos!

Curiosa esta dualidade do povo britânico, a quem o treino em estenuantes *sports* não embota no coração as delicadezas d'um sentimental!

Mas tão raro culto de admiração só se comprehende passando em ligeira revista a vida d'um homem, que escrevendo no seu primeiro livro: «Tudo é possível»—o soube provar nas mais adversas circunstancias. Membro d'uma raça estrangeira e perseguida, sem direitos civis, tornou-se á força de talento campeão d'uma poderosa aristocracia, o amigo de confiança d'uma rainha britannica e arbitro dos destinos europeus.

Benjamin Disraeli, estadista e romancista, nasceu em Londres em 1804. Pertencendo a uma familia de origem hespanhola fugida aos horrores da inquisição, era filho do insigne escriptor Isaac



O Parlamento Inglez visto do Tamisa

Israeli. Comquanto circuncisado na Synagoga hespanhola foi depois baptisado em 1817. Aos 22 annos publicava «Vivian Grey», critica dos homens e acontecimentos do seu tempo, a que se seguiram mais dois romances. N'um anno de viagens produziu bellas cartas

(Home Letters). Voltando a Inglaterra entrou na politica, sendo batido nas duas eleições em que se propoz deputado. Só em 1837, primeiro anno do reinado da Rainha Victoria, entrou no Parlamento. De 1832 a 37 publicou mais seis romances.

O seu discurso sobre eleições na Irlanda, comquanto brilhante, foi recebido com gargalhadas, até que perdendo a paciencia disse:—«Comecei varias cousas muitas vezes, e muitas vezes fui por fim bem succedido; sento-me, mas tempo virá em que me ouvirão.» Em menos de 9 annos chegou esse tempo,

sendo o verdadeiro *leader* do partido conservador proteccionista, comquanto em nome o fosse Lord Bentinck. Mais 3 livros seus appareceram até 1847. Em 1852 era Ministro das Finanças e *leader* da camara baixa no ministerio Derby, sendo o seu orçamento regeitado pelo

ataque de Gladstone que lhe succedeu. Em 1858 voltou ao poder com Lord Derby propondo uma reforma do Parlamento, regeitada e seguida de queda. Em 7 annos de opposição aos liberaes, causou a admiração dos adversarios pelo seu talento de combatente temivel, e pela tenacidade, que foi o segredo do seu successo.

Voltando a Ministro das Finanças no terceiro ministerio Derby fez passar em 1867, caso unico, uma reforma parlamentar mais democratica que uma que acabára de ser regeitada pelo seu partido! Succedeu a Derby como presidente, resistindo poucos mezes a uma hostil maioria.



A estatua de lord Beaconsfield no dia 19 de abril de 1910



Berlim (1878) em que tomou parte com Lord Salisbury e em que a sua fama attingiu o zenith, devolveu á Russia tudo o que perdera na guerra da Criméa. Voltou ao seu paiz trazendo-lhe como *spolia opima* um tratado de «Paz com Honra» e... com a ilha de Chypre, que se lhe rendeu. Uma maioria liberal nas eleições de 1880 fel-o res'gnar.

O seu ultimo livro foi «Endymion» uma caricatura de Palmerston.

Este grande estadista, leal defensor da sua nação adoptiva, que se vangloriava de ter «educado» um grande partido politico e a quem a Inglaterra deve grandes liberdades e a consideração de grande potencia, morreu em Londres no dia 19 de abril de 1881, prohibindo que lhe fizessem funeraes nacionaes na Abbadia de Westminster.

Foi o primeiro a suggerir á Inglaterra as vantagens d'uma politica imperialista colonial.

O seu discurso de 1872 foi prophético.

«Não terá cumprido o seu dever todo o Ministro d'este paiz que

perder a menor oportunidade de reconstruir quanto possivel o nosso Imperio Colonial, e de corresponder ás nossas sympathias dis-tantes que poderão tornar-se a fonte de incalculavel força e felicidade para esta nação.»

Para defender estas idéas e a Constituição, fundou-se em 1883 a «Primro-



1—A rainha Victoria, a grande amiga de Disraeli  
2—Joseph Chamberlain, continuador de Beaconsfield

Chegamos finalmente ao seu 2.º ministerio em 1874, em que aboliu os privilegios da igreja escocesa e os usos rituaes.

Mas a politica externa occupou mais a sua attenção. Em 1875 deu á Inglaterra metade do canal de Suez, em 1876 fez a Rainha Victoria Imperatriz da India, sendo-lhe dado o titulo de Earl of Beaconsfield.

Durante as luctas entre a Russia e a Turquia protegeu esta com mão firme, mas o Congresso de



A estatua em Primrosa Day, em 1911

se League», associação popular composta de mulheres e homens no numero de 2.000.000, que teve por primeiro grão-mestre o Marquez de Salisbury.

O seu emblema é a *Primrose* dilecta de Beaconsfield, cujas cinco folhas symbolisam as cinco divisões do Imperio Britannico — que são as do mundo.

Para dar uma idéa do que seja o trabalho d'esta liga, ramificada por todo o imperio, basta dizer que no anniversario do seu inspirador realisou só em Londres setenta *meetings*!

ga, foi cheia de reconhecimento e intercededor respeito pelo seu modesto gosto, pessoalmente depôr sobre o feretro uma corôa de *Primroses*! E assim conquistou o nome de «*Primrose*



A decoração da estatua de

Beaconsfield em 1908

Disraeli, esse feliz e pertinaz luctador — porque feliz deve julgar-se quem vence — foi feliz até na morte. Finou-se em plena florescencia das *Primroses* suas queridas, e a Rainha tão sua ami-

Day» o dia 19 de Abril do calendario britannico.

Londres, *Primrose Day*, 1911.

FERREIRA D'ALMEIDA.

# A REINTEGRAÇÃO NO EXERCITO DO CAPITÃO MALHEIRO

A revolta do Porto teve a sua figura ponderada o capitão Leitão; o bravo calmo, soldado antes de mais nada, o tenente Coelho e o heroe romantico, o alferes Malheiro. Basilio Telles descreve-o no seu livro *Do Ultimatum ao Trinta e Um de Janeiro*, a descoberto no meio da rua sob as balas, indifferente á fusilaria, commandando os soldados como um chefe á antiga, a espada nua, os olhos



postos n'um ideal. Vencida a revolta chegaram os dias amargos do exilio, para uns, para outros o degredo, o presidio, as aventuras das fugas, os desejos largos de voltar a conspirar. O alferes Malheiro refugiou-se no Brazil, fez ali o curso de engenheiro de minas, trabalhou, soffreu, sempre crente no futuro da republica em Portugal. Logo que ella foi proclamada e lhe offereceram a reintegração nas fileiras do exer-



1—O capitão Malheiro com o ministro da guerra, general Carvalho e commandante de infantaria 16 2—O capitão Malheiro tomando o commando da sua companhia 3—Os officiaes de infantaria 16 estando o capitão Malheiro entre o ministro da guerra e o general de divisão 4—O capitão Malheiro agradecendo a homenagem de que foi alvo.—(Clichés de Benoit)

cito portuguez com o posto de capitão, accitou, partiu para a sua patria e o regimento de infantaria 16, onde foi collocado, junta hoje ás suas tradições a gloria de contar entre os seus officiaes o bravo alferes da revolta do Porto. Foi em 28 de abril que o capitão Malheiro tomou posse da sua companhia, tendo-se organizado grandes festejos em sua honra.

# As novas modas lançadas nas corridas d' Auteuil

Auteuil é a grande montra das modas da primavera e de verão, como Longchamp das modas do outomno e inverno. Nas approximações da Paschoa, já todos os illustres costureiros de Paris, que concentram nas suas mãos

os poderes absolutos, dictatoriaes e tyrannicos da moda feminina, teem promptos, talhados para vivos manequinsmeticulosamente escolhidos e ensaiados, os vestidos a lançar. Chegado o solemne momento, os complacentes e vaidosos manequins, quasi asphixiados nos espartilhos, envergam as *toilettes* sensacionaes do Mestre, e depois

de um ultimo attento exame nos salões de prova, a que assiste todo o alto funcionalismo do *atelier*, descem as escadas entre o rumor e o applauso das *midnettes*.

— *Vas y bien crane! Que tu est belle! Bonne chance!*

E o *fiacre* ou *taxi* parte para as corridas, levando a honra, a fama e a fortuna do grande *atelier* do bairro da Opera, onde estão concentrados os templos mais illustres da Moda.

Na *pelouse* e no recinto privilegiado da *pesagem* começa então para o modelo a tarefa difficil e gloriosa da exhibição. Essas rainhas de um dia, para as quaes convergem to-



Como se lançam as modas



dos os olhares das mulheres, avidos e prescrutadores, passam por entre o borborinho das approvações e das censuras, sorridentes, a passo, — verdadeiras actrices desempenhando a comedia sensacional da Elegancia, — verdadeiras paladinhas lutando pela victoria do *atelier*.

E não é dos espectaculos menos emocionantes observar como ellas, entre si, lutam e se atacam, n'uma guerra em que se expandem todas as astucias de Eva. Quasi se prefere jogar nos manequins a jogar nos cavallos. Conquistar a consagração da photographia, a referencia gloriosa da *Femina*, a





publicidade universal dos grandes jornaes de modas, a *pose* do atelier Felix do boulevard Montmartre; ser durante tres mezes o modelo da elegancia em todas as capitales da Europa, reunir a unanimidade dos sufragios femininos, ter sido a primeira a lancar entre as mulheres a *toilette* da estação, o estylo do dia — tantas horas valem bem a bravura de uma batalha!

Ao contrario de todos os torneios do homem, em que impera a brutalidade e teem por fim sancionar a superiorida-



de muscular do campeão, ali, n'aquella luta de mulheres, combate-se pela belleza dos sumptuosos estofos, das rendas maravilhosas, das combinações ineditas das côres, das surpresas requintadas das linhas. Cada animado e esbelto maneiquim se bate pela honra do seu atelier e põe n'essa peleja de meneios e de graça, de attitudes e de gestos, de expressões e rythmos, esse ardor da vaidade, tão vivo na mulher.

1—O mais natural dos figurinos  
2—Dois modelos vestidos que vão ter voga ??



Vista das tribunas de onde os binoculos das americanas a seguem em todas as suas ondulações, essa procissão de figurinos, organizada pelos legisladores da elegancia, é uma cerimonia cultural da Belleza. N'esses cortejos se reproduz quatro vezes por anno, n'uma synthese suprema, a indumentaria fugaz, voluvel, variabilissima da Mulher.

São lindas as modas lançadas este anno, na parada de Auteuil, pelos manequins da *rue de la Paix*? Caracterisa-as a extravagancia de uma phantasia consumida por todas as combinações imaginaveis das linnhas e dos tons?

A' leitora e não a nós cumpre avalial-o. O exito obtido entre as leitoras da *Illustração Portugueza*, pelas nossas paginas documentaes de modas femininas determinou-nos a confiar a um correspondente parisiense a tarefa mensal de conversar com as nossas elegantes sobre esse assumpto melindroso em que esta redacção é de uma incorrigivel ignorancia...



Qual dos vestidos será a grande moda?!

# O NAVIO DO REI DE ROMA.

Já lá vão cem annos que nasceu o rei de Roma. A França foi atroada pelos inumeros tiros dos seus inumeros canhões. Nascia o filho de Napoleão I; estava ao que elle julgava, assegurado o futuro do imperio. Mas não foi assim. A epopéa baqueou e o rei de Roma vindo ao mundo como uma esperança para o imperador e como uma ameaça para o mundo devia morrer, quasi como um prisioneiro, no castello austriaco de Schonebrum



emquanto sua mãe se fazia esposa do conde de Neiperg.

Não houve jámais creança tão rodeada de pompas. O seu berço foi uma maravilha; a sua casa um portento, os seus familiares os mais escolhidos com madame de Montesquieu a governal-os e a quem o reeito chamava *maman Quiou*.

Tudo que o cercava era interessante; os seus brinquedos admiraveis. Pois foi um d'elles que em



1—O rei de Roma, filho de Napoleão 2—O navio no lago de Fontainebleau

1806 um photographo descobriu n'uma casinha de Fontainebleau, junto ao lago das Carpas, onde fôra em busca de novos aspectos. Tratava-se de um navio de seis metros de comprimento, armado em corveta, com

tres mastros e que Napoleão mandára construir por quatro habéis carpinteiros da marinha imperial.

N'aquelle navio o rei de Roma passeou nos lagos. Depois cahido o imperio para ali ficou. Passaram os annos e os regimens. Ninguem mais se lembrou do navio imperial que o curioso photographo descobriu. Posto a navegar, depois d'um grande trabalho ante as repartições publicas, um dia afundou-se porque lhe cortaram a amarra. Assim desapareceu este objecto historico de que resta apenas a photographia.

Quantas vezes em Schonebrunn, nas suas noites de desespero, o pobre *Aiglon*, ex-rei de Roma, tratado pelo titulo austriaco de duque de Reistchad, não se recordaria do navio da sua infancia e do lago de Fontainebleau onde as sentinellas o saudavam diante dos parisienses que deliraram de alegria ao som dos canhões em 20 de março de 1811, dia do seu nascimento!

Do rei de Roma ficou uma legenda triste; do seu navio apenas a photographia piedosamente tirada

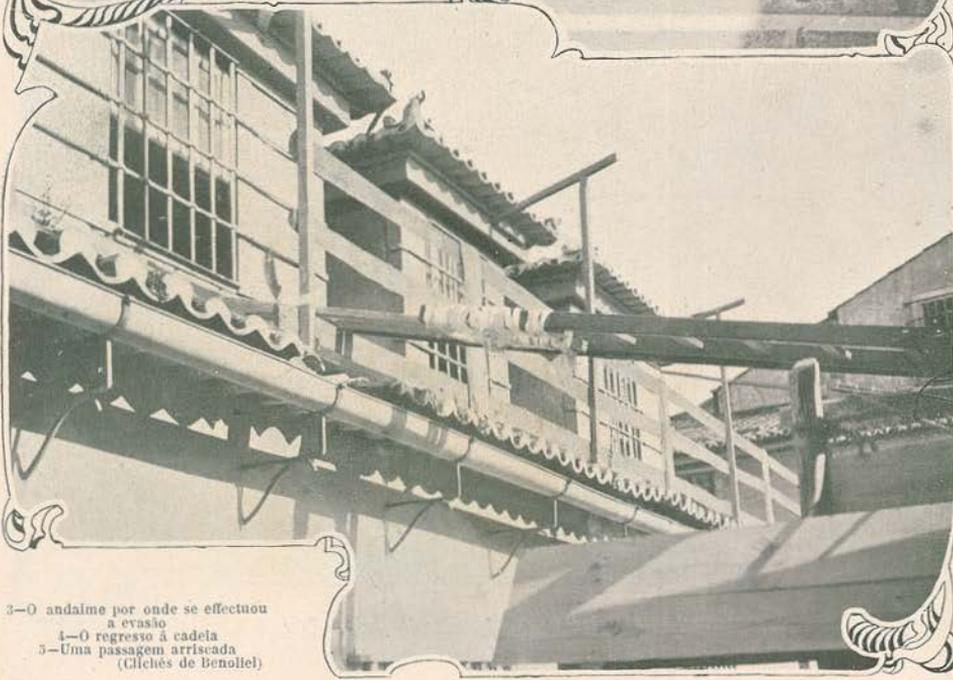
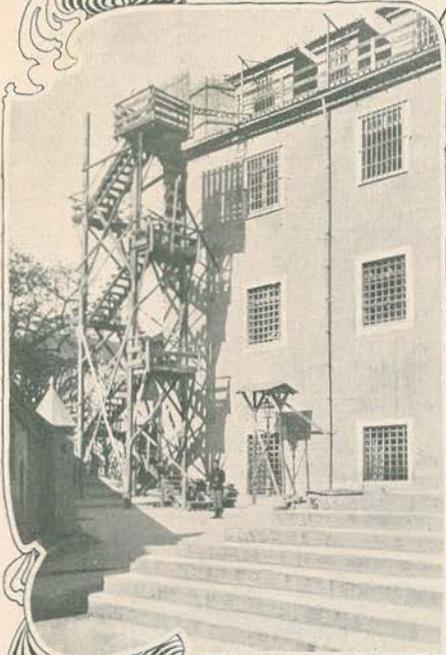


1—O berço do rei de Roma, offerecido pela cidade de Paris  
2—A corveta do rei de Roma, vogando, passado um seculo, no lago de Fontainebleau

# A EVASÃO DE DOIS PRESOS DO LIMOEIRO.



1 e 2—Os criminosos «Lutz de S. Pedro»  
e Aurelio Jesus da Silva «O Pavão», que se evadiram  
do Limoeiro,  
na noite de 24 de abril, tendo até agora  
sido capturado apenas  
«O Pavão»



3—O andaima por onde se effectuou  
a evasão  
4—O regresso à cadeia  
5—Uma passagem arriscada  
(Clíchê de Benollet)

# O JURAMENTO DE BANDEIRA EM INFANTARIA 16



1—A officialidade de infantaria 16 com o general de divisão Carvalho

2—A continência á bandeira

3—O capellão do regimento falando ás tropas

4—Aspecto da parada do quartel

(Clichés de Benolício)

# A EXPOSIÇÃO

A Italia celebrou o cincoentenário da sua independência com duas exposições internacionais. Roma, que dentro em pouco vai ser visitada por alguns soberanos, tem a sua; Turim, acaba de inaugurar com grande pompa o certamen d'arte e industria.



# DE TURIM

negocios de Portugal, sr. Lambertini Pinto, que declinou o convite, agradecendo-o mas declarando ser seu proposito não tomar parte em qualquer cerimonia official antes do reconhecimento da Republica Portuguesa pela Italia. De todos os paizes chegaram delegados que cele-



1—Pelicão das artes e indústrias  
2—O pavilhão de Inglaterra

6—Os pavilhões da Servia e do Siam  
7—O pavilhão do Brazil

São magníficas as instalações da exposição; erguem-se edificios artísticos onde se mostram os productos; de toda a parte affluiram milhares de forasteiros que assistiram ás festas magníficas que ali se realisaram.

O comité executivo do certamen cuja abertura official foi em 29 de abril, convidou para as festas o encarregado de

bram assim com o grande paiz uma espiritual commuñão applaudindo a sua marcha pela via do progresso diante do retrahimento cada vez mais firme do Vaticano que persiste em não querer ver o largo desenvolvimento da Italia livre do qual é um alto testemunho a exposição agora inaugurada



# O S. MARINHA DE CAMPOS JUSTIFICA-SE



(Continuação do numero anterior)

Foi por este tempo que ali se apresentou o juiz Emmerico d'Alpoim.

Recebido no palacio, após as formalidades officiaes, disse-me:

Marinha de Campos  
no meio do povo  
no mercado de Santa  
Catharina — S. Thiago

«Agora fala o irmão d'Alpoim a Marinha de Campos.»

A minha grande amizade por José Maria d'Alpoim foi evocada e desde então pareceu-me poder dar a seu irmão um pouco d'intimidade. Elle tambem declarou desde logo que como nas circumstancias actuaes podia ser necessario entendermo-nos em alguns casos de justiça que surgissem, ficava ao meu dispôr. Combinariamos em determinadas circumstancias o procedimento a haver; não levantaria obstaculos, á minha acção como governador; podia, emfim, contar com elle.

Havia na provincia, por esse tempo, certa agitação contra determinados funcionarios, gente mal vista pela maioria dos elementos



Recepção feita em S. Vicente ao ex-governador de Cabo Verde Marinha de Campos

preponderantes da ilha... Um d'elles era o delegado Gomes de Pinho... Pois desde logo Alpoim deliberou, para que houvesse paz —dizia elle—arranjar as cousas. Levou-o logo n'essa noite á reunião particular ao palacio do governo. Conversámos com certo pasmo de toda a gente, mas era necessaria aquella visita para o fim da pacificação que tinha em vista... Não queria ninguém perseguido... Para realisar a minha obra de fomento, todos os melhoramentos da ilha, que percorri em dez dias pelos mais abruptos caminhos, carecia d'essa tranquillidade... Aquillo era-me entregue como uma região que tivesse sido descoberta ha mezes e de que era necessario fazer alguma cousa...

Depois, Marinha de Campos, continuava:

«Diante dos novos tumultos que tinham rebentado em varios pontos, resultado ainda da propaganda do padre Graça, foram presos varios cabeças de motim. Annibal Reis Borges veiu então com a sua queixa contra o sacerdote e vi-me obrigado a mandal-o prender... Não era justo que estivessem na cadeia



O povo ovaciona Marinha de Campos deante do Palacio do Governo

os desgraçados seus instrumentos e elle á solta. Eu dissera que a Republica tanto era para os ricos como para os pobres, para os brancos como para os pretos... Os proprietarios diante dos tumultos, das devastações, perguntavam-me quaes as garantias que a Republica dava para as suas fazendas, para os seus bens, para as suas vidas... Todas as garantias. Disse-lhes mesmo que eu era um homem que em toda a terra não tinha de meu nem o pedaço de chão onde punha os pés, que não era partidario do actual regimen de propriedade, mas como governador competia-me garantir-lhes os seus direitos, a defender-lh'os... Por isso o padre foi preso...

O delegado veiu dizer-me que a fiança d'elle seria de dois ou tres contos... Sim; era bastante.. Para um homem accusado de tal crime, para um homem rico, era talvez pouco mas calei-me... Dentro em alguns instantes, porém, voltava e declarava que o juiz Alpoim lhe arbitrava uma fiança de quinhentos mil réis!...

—O que?! Mas o homem foge... E' um individuo rico... Perderá de bom grado essa quantia... E os proprietarios voltarão a perguntar-me que garantias lhes dou...

Foi isto o que lhe disse, o que dentro em pouco declarava tambem ao juiz. Elle, n'um rompan-te, falou da independencia do poder judicial...

Mostrei-lhe então as circumstancias; essas rebellões, o papel que o padre n'ellas tivera, todo o horror dos estragos, puz-lhe a questão como um caso politico e elle declarou: Eu tenho o meu systema... Arbitro sempre a fiança pelo minimo. Ainda hontem impuz uma de quatrocentos mil réis a um homem accusado de violentar uma mulher...



Marinha de Campos á porta d'uma casa que lhe foi destinada para residencia na sua visita á Ilha Brava

—Uma virgem?! Não. Uma mulher casada?!... Não... Trata-se d'um rico?! Não. E' um pobre diabo!

Então declarei-lhe que aquillo não era justo. Para um crime de rebellião, que acarretava difficuldades ao governo, apenas mais cem mil réis de fiança do que para um delicto quasi banal. Medis-se as responsabilidades dos dois... Ah! Mas o seu espirito de clerical não o deixava tocar no padre, eis tudo. O rebelde tinha um caracter sagrado... Tinha a liberdade de fazer o que quizesse, mas não era justo...

—Estou coacto!... Sim... Isto é uma coacção!... disse o juiz n'um berro.

—Coacto!... Mas se vai pôr o padre em liberdade... Ora não invente palavras... Lamentava apenas que durante aquella discussão elle estivesse ali lembrando nos traços do seu rosto, o seu amigo, o irmão José Maria d'Alpoim...

Partiu zangado; o ruído da discussão chegava a ser conhecido... Que ia sahir de tudo isto?!

**A questão Emmerico d'Alpoim — O delegado Gomes do Pinho — O celebrado discurso**

Appareceu então a queixar-se do padre o sargento que ficára com o cráneo fracturado nos tumultos de Santa Catharina... Duarte Graça foi novamente preso... O juiz devolveu o auto dizendo que só em conselho de guerra elle devia ser julgado... Não era assim... A lei é formal n'esse ponto... Entretanto os outros continuavam presos, os pequenos, os miseráveis... O delegado protelava a questão... As testemunhas vinham queixar-se de que elle as interrogava de tal forma que não sabiam como responder-lhe... Chamei a sua attention para o facto; e elle, com um encolher d'hombros, voltou:

—Ora tenho a certeza que o processo é todo annullado na Relação...

Como?! Pois um processo que elle estava instaurando, por elle tratado, ia dar semelhantes resultados?!

Sabia-o... E' porque queria... Trata-se d'uma questão politica de alto interesse.

—Não tem então confiança em mim?!

—Inteira, não tenho... Não tenho... — respondi com a maior franqueza.

Pediu a sua exoneração. O ministro deu-lh'a.

Alpoim fallára em fazer as pazes commigo. Para

não continuarmos *amuados* dei o primeiro passo. la convida-lo e ao delegado substituto para um jantar. Parecia que estava tudo sanado. Mas a esposa do juiz escrevera para o *papá* que procurou o ministro da marinha. Quebrou-se o silencio de sua excellencia. Recebi uma ordem para dar trinta dias de licença ao juiz. Dei-lh'os. Foi n'uma terça-feira que chegou a ordem. Se vem dois dias mais tarde elle tinha ido jantar ao palacio!...

Aqui tem a questão. Agora ouça o que foi o celebrado discurso. Tempo depois d'Alpoim chegar á metropo!is appareceram em alguns jornaes noticias de que eu ia ser chamado a Lisboa e que me dariam outra commissão de serviço... Não fiz caso. Mas os boatos avolumavam-se... Pessoas que chegavam informavam-me da campanha que contra mim se fazia nos cafés da capital, do que se propalava...

Officialmente, porém, taes noticias não tinham a menor confirmação.

O povo ao saber-o veio uma noite com musicas fazer-me uma manifestação. Lá de baixo, da praça, um nativo fazia um discurso em que exaltava o meu governo e concluia por declarar que á morte pela miseria que reinava na ilha antes de eu chegar, preferiam morrer d'uma bala defendendo o seu governador...

Evocamos então esse spectaculo d'um povo infeliz sob as janellas do palacio, applaudindo o governador, a musica tocando hymnos patrioticos, os foguetes riscando o espaço, toda uma entusiastica defeza do homem que muito fizera já por Cabo Verde e que não faltaria a nenhuma das suas promessas.

Marinha de Campos falou e o seu discurso, impossivel de ter sido tachygraphado, visto não haver um stenographo na ilha e ainda que o houvesse bem difficil de poder apañhar fielmente, no ruído dos foguetes e dos vivas, todas as suas palavras, foi o que gerou os boatos d'elle querer ser um rebelde contra a patria para se fazer senhor d'um archipelago.

A rematada loucura!—disse o ex-governador — reproduzindo o mais fielmente possível as palavras que proferiu:

Primeiro verberara em phrases causticas os miseráveis que o accusavam, que levantavam contra elle a intriga, agradeceu á multidão aquelle acto demonstrati-



A' passagem da mulher do  
che

ex-governador no dia da sua  
gada

vo de estima e depois recordando o passado, essa grande crise de 1903-1904 em que mais de vinte mil pessoas tinham morrido á fome, disse:

«Eu pasmo como nem a fome de 1903-1904 fez apparecer entre vós um Aguinaldo, que, esfarrapando o odioso trapo azul e branco, e conduzindo-vos aos desfiladeiros que acabei de percorrer, para estudar *de visu* as necessidades mais urgentes da ilha de S. Thiago, então repetisse aqui a notavel epopeia das Filipinas. Eu a d m i r o como mais de vinte mil cabo

verdeanos morreram de fome n esta ilha, em menos d'um anno, sem um movimento de revolta, que puzesse termo a tanto soffrimento. Eu terminaria revoltado. Não estranhe ninguem que eu assim fale, porque a Historia nos ensina que muitas vezes a emancipação dos povos e o progresso da humanidade teem sido gerados na dôr, isto é, na Revolução.

Não estranhe ninguem que assim fale quem tem o seu nome ligado ás jornadas de 3, 4 e 5 d'outubro e occupa este lugar por um decreto da Revolução. Mas agora, feliz-



Desembarque da Marinha de Campos no porto da Furna — Ilha Brava

mente, acima do horizonte das vossas esperanças, brilha rutilo o sol fecundante de 5 de outubro, cuja luz só momentaneamente, poderá ser eclipsada pelas figuras sinistras dos refinadíssimos malandros (permitti-me a expressão, que jámais foi proferida d'estas janellas) que procuram intrigar com o governo este homem, em quem o governo nunca deixará de confiar, porque seria um absurdo que os ministros não confiassem nem n'aquelles que foram seus cúmplices políticos e que os auxiliaram a subir aos primeiros postos da Republica. Contudo, se a calumnia e a intriga triumphassem, eu ir-me-hia immediatamente embora, porque não quereria que alguém me accusasse de estar agardado a este cargo, que não pedi, só por ganancia ou vaidade. Mas então não partiria sem exclamar: Infeliz povo! Desgraçada provincia!

Foi tudo. Desvirtuadas estas palavras, mudados os tempos aos verbos, enviadas, escriptas á machina e anonymamente, para o ministro, são a base de uma tola accusação. E' certo que hoje, ao julgarem-me preso em S. Julião da Barra, já apparece uma duzia de assignaturas a testemunharem terem-n'as ouvido, como as mandaram, n'uma evidente falsificação.

O que se contrapõe á accusação

- O centro s d'outubro
- A apresentação ao ministro da marinha

— Mas, para oppôr a isso, eu tenho representações de todas as classes, das ilhas que percorri, n'um desejo de fazer a paz entre partidos que se degladiavam; de me informar das necessidades a provêr. E alguma coi-

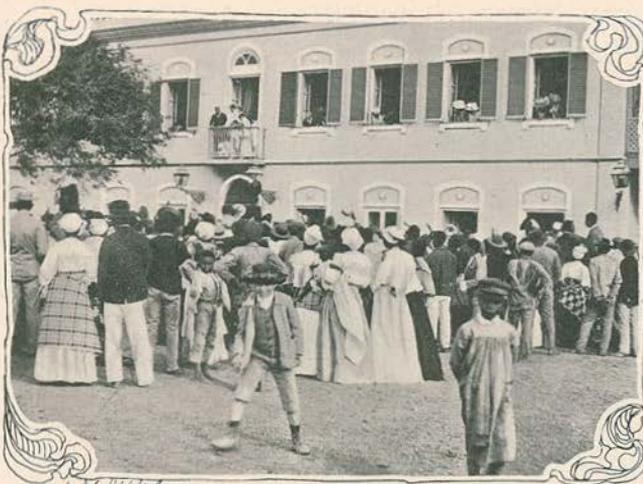


O porto da Furna—Ilha Brava

sa fiz: mas muito, tudo, lá está por fazer. Na ilha Brava, esse ninho de verdura onde as rosas sangram nas fachadas das casinhas brancas, deixei conciliadas duas facções rivaes. Por toda a parte quizeram fazer centros com o meu nome, mas como eu não pensei nunca em fazer politica pessoal, recusei... Apenas consenti em apadrinhar um club recreativo... Alguns desqualificados metteram-me n'um centro a que deram o titulo 5 de outubro, e eu, discursando, disse que a ban-



Marinha de Campos e algumas pessoas da sua comitiva na Boa Entrada, propriedade do major Carvalho—S. Thiago



Marinha de Campos assiste das janellas do palácio a uma manifestação de syn.pathia

deira republicana não podia servir para o mesmo a que se prestára,—na phrase de Marianno de Carvalho—o manto real. Sim! E' que por toda a parte surgem agora republicanos com maneiras jacobinas, arvorando dedicações para se arranjarem... As pessoas que assignam as taes palavras desvirtuadas, que dizem ter sido por mim proferidas, pertencem a esta especie de traficantes sem escrupulos...

Marinha de Campos, com um ar de desgosto profundo accrescenta:

—De muitos pontos das ilhas recebi representações; os grandes agricultores, os commerciantes, o povo, os que pagam e os que produzem estão ao meu lado, pois bem sabem quaes as minhas idéas e recordam como resolvei a crise alimenticia, estudei tudo quanto achei util para o futuro da ilha, como fiz estradas, como beneficeei o commercio, a agricultura e a industria como fui sempre o dedicado defensor de todos os seus interesses, das suas regalias, dos seus direitos

la-nos ainda com orgulho de todas as providencias que tomou e ás quaes se fará a justiça devida, pois são de tal ordem os problemas complicados que resolveu, que não cabem no curto espaço d'esta entrevista.

Uma ultima pergunta: O que foi a sua apresentação ao ministro da marinha?

Simplemente o illustre caudilho republicano, disse:

—A impressão de que se ia passar um cumulo. Ser preso, eu, para quem o padre Avelino de Figueiredo pedira com todas as instancias a applicação da lei de 13 de fevereiro no tempo da monarchia, ao mesmo tempo que elle o era em plena Republica, por conspirar... Talvez nos dessem o mesmo carcere! Disse-o ao ministro...

Com um sorriso tranquillo, concluiu: Aguardo a justiça dentro dos muros da cidade que me deram em homenagem! E sentimos então que este homem fatigado de tantas luctas e intrigas deve ter uma enorme necessidade de repouso deante das campinas calmas, cheias de luz, que lhe são defezas.

ROCHA MARTINS.



Um trecho do salão do palácio da Praia

# OS ACONTECIMENTOS EM LOURENÇO MARQUES

## A PARTIDA DO ALTO-COMMISSARIO DA REPUBLICA

Em 24 de abril embarcou no *S. Gabriel* para Moçambique o sr. dr. Azevedo e Silva, presidente da Junta do Crédito Publico e nomeado ultimamente alto commissario da Republica n'aquella provincia, onde parece, se debatem agora algumas questões que a sua presença irá resolver.

Como governador de Lourenço Marques acompanha o al-



1—O sr. Azevedo e Silva no portaló do «S. Gabriel» —O sr. dr. Azevedo e Silva despede-se do sr. coronel Correia Barreto, ministro da guerra 3—Subida para bordo—(Cl: chês de Benelliel)

Castle Mail o qual chegará quinze dias mais cedo a Lourenço Marques do que o paquete portuguez. Antes da partida houve uma demorada conferencia entre o sr dr Azevedo e Silva e o ministro da marinha acerca da questão para que se reclama a presença do delegado do governo.



to commissario o sr. Ernesto de Vilhena, indo tambem no mesmo bar-

co de guerra o sr. dr. Antonio Campos, novo secretario geral de Moçambique.

O *S. Gabriel* conduziu apenas até á Madeira os funcionarios da Republica que n'esta ilha embarcarão no vapor da Union

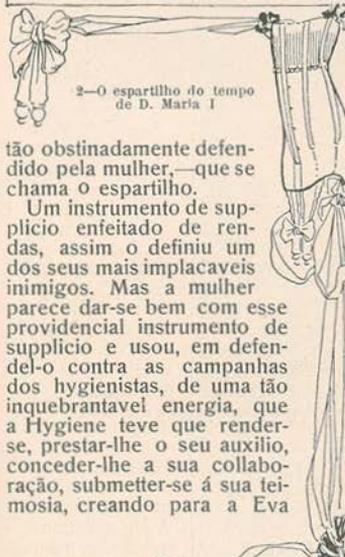


# Uma Indústria Galante



## O ESPARTILHO

Se uma industria elegante existe, essa é, indiscutidamente a que se destina a fabricar esse pequeno objecto da *toilette* feminina, tantas vezes calumniado, tão combatido pelos medicos,



2—O espartilho do tempo de D. Maria I

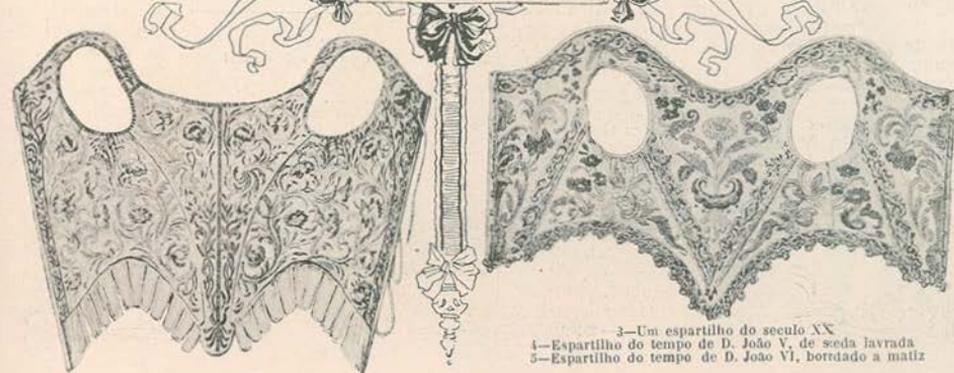
tão obstinadamente defendido pela mulher,—que se chama o espartilho.

Um instrumento de supplicio enfeitado de rendas, assim o definiu um dos seus mais implacaveis inimigos. Mas a mulher parece dar-se bem com esse providencial instrumento de supplicio e usou, em defendel-o contra as campanhas dos hygienistas, de uma tão inquebrantavel energia, que a Hygiene teve que render-se, prestar-lhe o seu auxilio, conceder-lhe a sua collaboração, submeter-se á sua teimosia, creando para a Eva



1—O laçar do espartilho (gravura de Frendeberg. Seculo XVIII)

moderna o *espartilho hygienico*. Reconheceu-se que esse calumniado cilicio da moda podia ser inoffensivo, e que ao contrario de originar deformações organicas elle corrige e suspende os estragos do tempo. A decadencia plastica da mulher retardou-se vinte annos com o espartilho. Este beneficio bastava para o absolver de todos os seus maleficios. Graças a elle, a mulher pode prolongar a linha airosa do seu corpo juvenil, conservar a flexibilidade elegante da mocidade, manter no aconchego d'esse



3—Um espartilho do seculo XX

4—Espanilho do tempo de D. João V, de seda lavrada

5—Espanilho do tempo de D. João VI, bordado a matiz



O espartilho de 1880

cofre de seda a erecção do collo e a finura da cinta.

Seria preciso que se obliterasse na mulher o instinto da belleza physi-

donasse o espartilho, resignando-se a padecer, sem procurar remedial-as, as devastações provocadas pelos sacrificios sagrados da maternidade e pelos estragos inexoraveis dos annos. A lei da mulher é ser bella. A sua belleza physica é ainda hoje o estimulo e a recompensa de todo o esforço do homem, como a sua belleza moral será em epochas que se avizinham a determinante de transformações radicaes das sociedades humanas.

E não se diga que o espartilho é uma inovação recente, inventada pela moda. O collete é mais velho que as pyramides do Egypto. A moda permanentemente o transformou, mas sem lhe alterar a applicação inicial. Se Acteia e Cleopatra usaram a *fascia* é porque a tunica só evidenciava, na exteriorisação plastica da esculptura feminina o relevo dos seios. Mas á medida que o trajo vae perdendo o caracter grego e romano da tunica e do *peplum* e se vae cingindo ao corpo, logo a *fascia*, cujo destino era apenas o de amparar o peito, se amplia á cinta.



Uma elegante de 1914

Assim, quando se chega á Renascença, ainda no crepusculo da Edade Media, a mulher reveste sob os vestidos de brocado, como uma amazona guerreira, uma armadura: o espartilho de ferro, logo substituido, a partir dos meados do seculo XVI, pelo espartilho de barba de baleia.

A historia do espartilho está feita. Ha dois annos que a *Illustração Portuguesa* a resumiu n'um artigo do mais vivo pittoresco, passando em revista desde a faixa de Semiramis até ao collete em bico da Petronilla. A essa historia falta porém

ajuntar um capitulo inédito referente a Portugal. A visita recente do sr. ministro do Fomento á fabrica da Amadora, veiu como que consagrar a industria elegante do espartilho. A essa fabrica, propriedade dos srs. Santos Mattos & C., cabe a honra de haver definitivamente inaugurado em Portugal essa industria da indumentaria feminina. A occasião afigura-se-nos pois exce-



O espartilho de malha

ca—com que a prevenida natureza acoute-lou perante todas as eventualidades da civilisação, a perpetuação da especie, — para que ella aban-



pacionalmente favoravel e oppor-  
tuna para esboçar a historia ga-  
lante do espartilho portuguez.

A sua appareição em Portugal  
é tardia. Só nos principios do se-  
culo XVI a portugueza o começa,  
timidamente, a adoptar, sendo de  
presumir que os primeiros espar-  
tilhos usados em Lisboa tivessem  
vindo nos enxovaes das rainhas.

Durante todo o seculo XVI, o seu uso  
circumscreve se á côrte, e é lentamente  
que se amplia á bur-  
guesia, que acaba  
por adoptal-o no se-  
culo XVII,

quando as  
modas femi-  
ninas o tor-  
nam seu ac-  
cessorio indis-  
pensavel. Até  
ahi a portu-  
gueza usára  
o collete sem  
varas, como  
o usam ain-  
da hoje as  
camponesas  
do Minho e  
as vari-  
nas. Ta-

lhado aos gommos, cerzidos em  
entretellas reforçadas que lhe  
prestavam uma certa rigidez, pos-  
to sob os peitos, apertado com  
cordões ou fitas cruzadas em  
ilhós, esse collete só abdica per-  
rém definitivamente perante a es-  
thetica imperiosa dos bustos com-  
primidos das *toilettes* Luiz XV.  
E' no reinado de D. João V que  
se generalisa o uso do espartilho de  
barba de baleia. Comtudo, até quasi ao fim  
do seculo XVIII, o  
espartilho, embora  
generalisado, era ta-

lhado em ca-  
sa. As espar-  
tilheiras de  
nomeada and-  
avam por  
e em prestimo,  
de palacio  
em palacio,  
a talhar nos  
brocados e  
gorgorões de  
seda os esp-  
artilhos pon-  
teagudos  
das sécias.  
Quando  
mais tar-



1—A grande officina da casa Santos  
& C.ª na fabrica da Amadora  
2—A confecção de um espartilho  
(Cliché obtido na fabrica da Amadora)



se á fabrica-  
ção do espartilho, fazendo  
concorrença  
á importação de  
França. Foi por essa  
epoca que elle creou  
a succursal da rua  
do Ouro, onde mais  
se dedicou ao com-  
mercio d'esta espe-  
cialidade, e á sua  
iniciativa se deve a  
vulgarisação entre  
entre nós do uso do  
espartilho.  
Porém, pouco tem-  
po depois, João dos

de, passada a mo-  
da fugaz do Imperio,  
que restaurára a  
faixa romana, o  
espartilho moder-  
no foi creado para  
adelgaçar as *cintu-  
ras de vés*pa de 1830,  
a sua importação  
methodica iniciou-  
se em Portugal. Os  
vapores e os navios  
de carga des-



1—A importancia social do espartilho: Duzentas mulhe-  
res que vivem da fabricação do espartilho 2—Um aspe-  
cto de um dos ateliers da fabrica da Amadora 3—A fa-  
brica de espartilhos da Amadora 4—Um modelo de  
espartilho da casa Santos Mattos & C.

embarcavam semanalmente nas alfandegas do reino os milhares de espartilhos francezes usados pelas convivas elegantes das Lorangeiras e pelas frequentadoras do Passeio Publico; e é só depois de 1880 que a casa de modas de João dos Santos Mattos, na rua Nova do Almada, começa a dedicar-

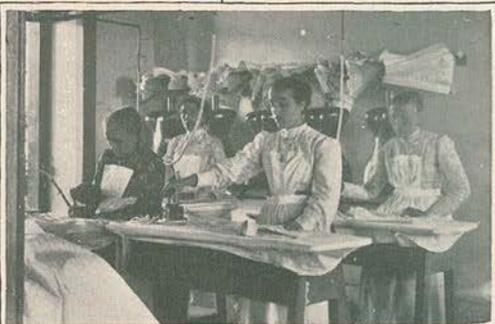




os artigos de modas.

O espartilho era então, como dissemos, importado do estrangeiro e o pouco que se fabricava no nosso paiz era produzido pela industria caseira. Por isso Santos Mattos & C.\* animados pelo successo do seu pre-

Santos Mattos liquidava a sua casa da rua Nova do Almada e trespassava o estabelecimento da rua do Ouro a seu filho José dos Santos Mattos, seu sobrinho José Augusto Roubaud e Antonio Rodrigues Correia, que constituiram a actual firma Santos Mattos & C.\* que, dedicando-se exclusivamente ao *Espartilho*, liquidaram por completo todos



1—As directoras da officina de espartilheiras na fabrica da Amadora  
2—A passagem a ferro do espartilho 3—O sr. dr. Brito Camacho, ministro do Fomento, na sua visita á fabrica de espartilhos da Amadora



1—Aspecto da mesa do lunch oferecido ao sr. ministro do Fomento na fabrica de espartilhos da Amadora  
3—Um modelo privilegiado de espartilho da casa Santos Mattos & C.\*



apreciado pela sua especialidade e pelo apreço que o publico lhe dispensava.

Dentro de pouco tempo, devido á vulgarisação dos seus artigos e á habi! direcção que lhe imprimiram D. Maria Mattos e D. Emilia Mattos, irmã e esposa de José dos Santos Mattos, tiveram os pequenos industrias que adquirir um terreno proprio, onde edificaram uma fabrica para corresponder ás exigencias das requisições que lhes eram feitas, tanto no continente como das ilhas e ultramar, e assim decuplicaram o numero do seu pessoal.

Mas essa edificação em breve se tornou deficiente para corresponder ás necessidades da produção; e, de reforma em reforma, ampliando o corpo principal do edificio e construindo annexos, taes como a fabrica de barbas de baleia e barbas de aço, armazens, cocheira, etc., tornou-se o vasto recinto industrial que o sr. dr. Brito Camacho acaba de visitar na pittoresca Amadora, em frente da estação do caminho de ferro e que é digno de ser apreciado pela vastidão das suas hygienicas officinas, e pelos machinismos de que está provido, que nada teem a invejar aos que uti isam as principaes fabricas d'esta industria no estrangeiro.

Este centro de industria, que no seu genero não é o unico entre nós, rivalisa não só com todos os seus congeneres em Portugal mas ainda com os productos mais perfeitos que se fabricam lá fóra, empregando actualmente 200 operarias.

A sua produção actual é de 75:000 espartilhos (não incluindo a produção de cintas hypogastricas, corselets, seios, *tournures* e outros artigos que constituem *les dessous de l'elegance*) e a das annexas é de 10:000 kilos de barbas de baleia e 200:000 grozas de barbas de aço. Os salarios despendidos no ultimo anno a que nos referimos elevaram-se a 30:000\$000 réis.

A exportação d'esta fabrica para as colonias é já bastante importante e exporta ainda para o estrangeiro os residuos das barbas que se destinam á fabricação de cabos para diversos utensilios.

A industria dos espartilhos não só tem desenvolvido outras industrias como até tem creado algumas no nosso paiz para o abastecimento das suas materias primas; e todavia, sem protecção pautal que a defendesse da concorrência estrangeira, só deve ao seu proprio esforço o desenvolvimento que tem obtido atravez numerosos obstaculos. Só agora com a celebração do *modus-vivendi* com a França se conseguiu introduzir na pauta alfandegaria uma rubrica es-

decorador, montaram uma modesta officina em 1865, no logarejo que então era conhecido pela Porcalhota, com o resumido pessoal de seis operarias e cuja produção se destinava exclusivamente ao seu estabelecimento da rua do Ouro, já então justamente





A «Casa dos espartilhos» da rua  
das vendas e

do Ouro, á hora da expedição  
encomendas

pecial para este artigo, de forma a beneficiar-o, pois até aqui, pagava-se por algumas materias primas o triplo do direito que competia ao espartilho já confeccionado.

Com o desenvolvimento da fabricação do espartilho coincidiu a propagação dos cintos abdominaes, cuja importação já era importante, mas que breve se extinguiu pela vantagem de aqui se fabricarem promptamente em harmonia com as indicações dos respectivos facultativos.

Não resta a menor duvida de que foi a fabrica de espartilhos de Santos Mattos & C.<sup>a</sup> que desenvolveu e fez progredir o insignificante logarejo que era a Porcalhota, e que é hoje a ridente Amadora, que tanto se recommenda e que, se fôr ajudada pelos poderes publicos, se tornará em breve uma importante villa.

As operarias que se dedicam á fabricação do espartilho vivem satisfeitas porque o seu mister é suave tanto na manufactura como no tempo da sua labutação

De commum accordo foi estabelecido que a laboração de inverno seria de nove horas e de 10 horas no verão.

E os proprietarios pensam ainda, em consequencia do augmento progressivo

do seu pessoal, em montar uma escola para o pessoal menor e para os filhos dos seus operarios, para lhes desenvolver a instrução.

A fabrica de espartilhos vae pôr á disposição dos habitantes da Amadora e tambem dos turistas que visitem esta apreciavel localidade a parte ajardinada do seu recinto, que já é illuminada a gaz por incandescencia e em breve será provido de energia electrica para o que está em negociações com uma importante casa de especialidade.

Para demonstrar quanto são apreciados os productos d'esta fabrica basta mencionar o exito obtido nas exposições a que tem concorrido, contando os seguintes premios de meda has de ouro: exposição de Paris de 1900, S. Miguel 1901, S. Luiz 1904 e Rio de Janeiro 1908. A fabrica Santos Mattos & C.<sup>a</sup> é já bem conhecida em todo o continente, ilhas e colonias; no entanto chamamos ainda a attenção das nossas elegantes para o seu estabelecimento da rua do Ouro, 123 e 125, onde encontrarão *les dessous* indispensaveis ao bem vestir e onde no 1.<sup>o</sup> andar tem um salão de provas servindo exclusivamente por pessoal feminino o que lhes permite obter o espartilho precisamente *comme il faut*.

# FIGURAS E FACTOS



1—O sr. governador civil de Lisboa na sua visita à escola officina n.º 1

2—A experiencia do novo pavimento de carbolacite na rua do Ouro proposto à Camara Municipal pelo sr. Nicolau dos Santos Pinto

3—Um aspecto da nova instalação da luz electrica em Faro (Clichés de Benoitel)

